

A Europa e a diáspora evangélica

As pedras angulares do protestantismo como contribuição à casa européia*

Karl-Christoph Epting**

Resumo: No artigo é constatado que “há pouca inquietação protestante na Europa” na atualidade. Contextualizando o significado dos conceitos “evangélico” e “protestante” no âmbito da Reforma do século XVI, o autor defende a idéia de uma identidade do protestante de maior inquietação, inconformidade e testemunho do Evangelho em prol do “desenvolvimento social da justiça, paz e liberdade reconciliada”.

Resumen: En el artículo es constatado que “hay poca inquietud protestante en Europa” en la actualidad. Contextualizando el significado de los conceptos “evangélico” y “protestante” en el ámbito de la Reforma del siglo XVI, el autor defiende la idea de una identidad del protestante de mayor inquietud, inconformidad y testimonio del Evangelio en pro del desenvolvimiento social de la justicia, paz y libertad reconciliada.

Abstract: The article points out that “there is little Protestant unrest in Europe” in current times. Contextualizing the meaning of the concepts “Evangelical” and “Protestant” from the perspective of the Reformation in the XVI century, the author defends the idea of a Protestant identity of greater unrest, non-conformity and witness of the Gospel in favor of the “social development of justice, peace and reconciled freedom”.

* Esta palestra foi proferida por ocasião do Congresso “Ser protestante na Europa hoje”, ocorrido de 1-3 de setembro de 2004, em Espira. Este congresso foi promovido pelo AGDE em conjunto com a Igreja Evangélica do Palatinado. Título original: **Europa und die evangelische Diaspora: Die Ecksteine des Protestantismus als Beitrag zum europäischen Haus**. Tradução de Renate Gierus.

** Karl-Christoph Epting é presidente do Centro de Estudos das Obras Gustavo Adolfo e das Obras da Diáspora Evangélica na Europa e no Brasil (AGDE).

I

“Há pouca inquietação protestante na Europa.” Isto disse o então coordenador do escritório da Igreja Evangélica na Alemanha (EKD – [sigla em alemão]) em Bruxelas, H. J. Kiderlen, em um congresso organizado em comemoração aos 150 anos de fundação da Obra Gustavo Adolfo, na igreja de Württemberg e Baden, em Hohenwart, Pfortzheim. Do dia 15 ao dia 20 de maio de 1993, estiveram reunidos na Europa aproximadamente 130 representantes dos dois grupos principais e das numerosas igrejas evangélicas da diáspora. Nós achamos importante refletir sobre a missão e as tarefas conjuntas, sob o tema “Escutar Deus – juntos a caminho”. Gostaríamos de escutar as perspectivas e experiências teológicas e espirituais em relação à diáspora, considerá-las e, assim, conseguir impulsos para o trabalho na diáspora. Uma pergunta candente em nossas conversas e discussões era:

O que as igrejas da Reforma podem trazer à “casa européia” em desenvolvimento? Qual poderia ser sua contribuição? As interessantes apresentações e reflexões naquele congresso ainda são dignas de leitura e consideração. E elas mostram que o tema Europa e diáspora evangélica não é novo. Ele já é discutido há mais tempo.¹

Mas será que a colocação de então “há pouca inquietação protestante na Europa” confere? Ou ela ainda confere? Ou será que ainda é uma declaração apropriada? O protestantismo deveria realmente tratar de inquietação, de movimento na Europa? É esta sua tarefa? Se algo caracteriza o protestantismo de modo especial, então isto é sua dispersão. Na maioria dos países europeus, geralmente, os evangélicos ou protestantes são minoria. Fala-se, portanto, em diáspora evangélica.

O adjetivo *evangélico*, empregado desde o tempo do cristianismo primitivo (século II) como caracterização de *pertencente ao Evangelho* ou *adequado ao Evangelho*² é usado na época da Reforma, especialmente por M. Lutero, como “fundamentado no Evangelho, a instância crítica advinda do conhecimento e da doutrina”. A partir deste pano de fundo, a expressão, em pouco tempo, impôs-se como nome e auto-designação para o movimento da Reforma. Com isto, o interesse central da Reforma, qual seja, a relação com a Bíblia e com o Evangelho, foi muito bem manifestado.

1 Cf. AUF GOTT hören – gemeinsam unterwegs: Dokumentation der theologischen Tagung aus Anlass des 150-jährigen Jubiläums der Hauptgruppen Baden und Württemberg des Gustav-Adolf-Werks. Karlsruhe, 1994.

2 Cf. VISCHER, Lukas. In: EKL. Göttingen, 1986. v. 1, c. 1198.

Também o conceito diáspora já é usado no contexto bíblico e ali é conhecido. A palavra grega *diáspora* significa dispersar e semear. O uso em voga desta palavra perde-se nos primeiros séculos da era cristã, depois que o cristianismo se tornou praticamente a religião oficial do Estado, através de Constantino, o Grande. Somente na época moderna, principalmente pelo trabalho da obra Gustavo Adolfo no século XIX, a palavra diáspora é introduzida de novo lingüisticamente. Hoje em dia, este conceito descreve, de forma geral, um pequeno número, uma situação minoritária. Ele descreve, principalmente, igrejas cristãs, as quais procuram constituir e guiar a vida cristã, pelo menos na intenção, relacionada exclusivamente à palavra bíblica, tendo como critério e linha condutora a Reforma. E, com isso, representar minorias.

E isso no continente europeu, cuja descrição foi tentada inúmeras vezes. Na maior parte delas, estas descrições não conferem totalmente. Europa é um conceito geográfico, aberto, que pode indicar os muitos povos e origens, a riqueza de correntes intelectuais e espirituais, a unidade e a diversidade, até contrastes de desenvolvimento intelectual, filosófico, artístico, arquitetônico, como também discordâncias de poder e senhorio, de solidariedade e justiça. Geralmente, a Europa é vivenciada de forma ambivalente. O primeiro presidente, Theodor Heuß, afirmou uma vez, com uma frase inteligente: “A Europa foi construída sobre três pilares: sobre a acrópole, sobre o capitólio e sobre Gólgota”³. Nós podemos dizer hoje que a União Européia, desde 1º de maio de 2004, é constituída por 25 países. Nós podemos constatar que mais países estão querendo ingressar na União Européia e provavelmente o farão. E nós podemos lembrar do Conselho Europeu que quer, principalmente, promover a democracia e os direitos humanos desde a sua fundação no ano de 1949. A ele pertencem muito mais países, mais de quarenta. A Europa é um espaço geográfico, cujas pessoas atualmente, devido a sua história e experiência comuns, estão ligadas por interesses e idéias comuns. Elas querem viver, promover e desenvolver suas próprias identidades umas com as outras e na coletividade. Neste continente, que, em larga escala foi e é influenciado e marcado pelo cristianismo, existe diáspora evangélica.

3 Cf. BERGSDORF, Wolfgang; HERZ, Dietmar; HOFFMEISTER, Hans (Org.). **Europa**: Dreizehn Vorlesungen. Weimar, 2002. p. 104. (Ringvorlesungen im Wintersemester 2001/2002/ Universität Erfurt, 3).

II

Essa diáspora evangélica na Europa tem a sua origem e início na cidade de Espira. Pertence a sua história a Dieta Imperial, lá reunida do dia 15 de março até aproximadamente o final de abril de 1529, ou seja, há 477 anos. Esta Dieta foi considerada como a hora do nascimento do protestantismo⁴. O que havia ocorrido? Depois da Dieta de Worms no ano de 1521, o movimento da Reforma, que se entendia como um movimento de renovação na Igreja, encontrara cada vez mais adeptos e apoiadores. Assim, na primeira Dieta em Espira em 1526, os príncipes e os estados imperiais decidiram que, até a convocação de um concílio, o *status quo* das questões religiosas deveria ser mantido. No Editó de Worms do dia 8 de maio de 1521, Martin Lutero fora declarado proscrito e decidira-se que ninguém poderia “dar-lhe moradia, acolhê-lo, alimentá-lo, dar-lhe de beber, nem demonstrar-lhe, seja com palavras ou ações secretas ou públicas, ajuda, ser-lhe partidário, dar-lhe assistência e favorecê-lo. Porém, deveria prendê-lo e enviá-lo, bem vigiado, à sua Majestade Imperial”⁵. Como este edito não mais poderia ser alterado, foi decidido na Dieta em Espira no ano de 1526 que a questão do edito de Worms seria tratada por cada um “como ele o esperaria e confiaria responsabilizar perante Deus e Sua Majestade Imperial”⁶.

Sem entrar em maiores detalhes a respeito do desenvolvimento daquela época, pode ser afirmado aqui que, na segunda Dieta em Espira no ano de 1529, dois programas políticos e jurídicos se encontravam frente a frente: por um lado o caminho baseado em poder e violência do edito de Worms e, por outro lado, a responsabilidade pessoal da primeira Dieta em Espira. A segunda Dieta de Espira deveria fortalecer a obediência ao Imperador e terminar com os assim denominados desvios de fé. O governador e irmão do Imperador, Ferdinand, já deixara transparecer isto de forma penetrante e categórica no convite aos príncipes e aos estados imperiais, os quais ele convocava sob pena de perderem seus privilégios. Assim também na abertura da Dieta. A chamada Declaração do Governo, deu-se em tom rude e ameaçador.

O Imperador manifestou a sua preocupação e o seu profundo desgosto sobre os maus e perniciosos enganos que surgiram durante o seu reinado. Os mesmos se espalharam cada vez mais e produziram rebelião, levantes,

4 Cf. BORNKAMM, Heinrich. **Das Jahrhundert der Reformation**: Gestalten und Kräfte. Göttingen, 1966. p. 112ss.

5 Cf. BORNKAMM, 1966, p. 115.

6 Cf. BORNKAMM, 1966, p. 114.

guerra, gemidos e derramamento de sangue. Ele, porém, como cabeça principal da cristandade, não pensa em aturá-los mais por muito tempo.⁷

Baseado na declaração imperial e sob a aprovação da maioria dos príncipes e dos estados imperiais, fora então decidido que o edito de Worms entraria novamente em vigor e a primeira Dieta em Espira em 1526 seria revogada e anulada. Nesta resolução se lia:

[...] aqueles que até agora observaram o Editto Imperial de Worms, deveriam continuar a fazê-lo e persistir nele até um concílio. Também seus súditos deveriam observar o Editto. Mas os outros estados imperiais, nos quais surgiram as doutrinas divergentes e que em parte não querem ser afastadas sem a ocorrência de muitos levantes, queixas e perigo, devem, de agora em diante, ser poupadas de mudanças até o concílio, conquanto humanamente possível.⁸

Os processos de renovação da Reforma foram recusados como “não aceitos pelos estados imperiais do Sacro Império Romano Alemão, nem permitidos ou tolerados para pregação”.

A grande maioria dos príncipes e dos estados imperiais puderam anuir à resolução. Não o puderam o príncipe eleitor Johann, da Saxônia, o *landgrave* Filipe de Hesse, o *margrave* Georg de Brandemburgo, o príncipe Wolfgang de Anhalt e o procurador dos duques Ernst e Franz de Lüneburg, além de inúmeras cidades imperiais, pelas quais atuava como porta-voz o governador de Estrasburgo, Jakob Sturm.

Eles protestaram, após a resolução, no dia 19 de abril e, formal e festivamente, encaminharam tal protesto. No dia 25 de abril, apresentou-se, na forma jurídica necessária, a “Protestação”, na qual estão escritas as seguintes frases conhecidas:

Nestes casos, que envolvem a honra de Deus e a bem-aventurança e a salvação de cada um, nós estamos comprometidos e somos devedores, pela ordem de Deus e por causa de nossas consciências, em ver nosso Senhor e Deus como único Altíssimo Rei e Senhor de todos os Senhores. No que se refere à honra de Deus e à salvação das almas, cada um precisa colocar-se perante Deus e prestar contas. Portanto, ninguém pode desculpar-se neste local por decisões de outros.⁹

7 Cf. ROGGE, Bernhard. **Illustrierte Geschichte der Reformation in Deutschland**. Hersfeld, 1909. p. 202.

8 Cf. ROGGE, 1909, p. 204.

9 Cf. ROGGE, 1909, p. 206.

Pela primeira vez, na Dieta de Espira de 1529, príncipes e estados imperiais evangélicos declararam-se unânimes, notadamente não-teólogos. Durante anos de um desenvolvimento incerto, eles se manifestavam publicamente e protestavam. H. Bornkamm diz, com razão: “Em Espira aparece, pela primeira vez, em plena luz, a divergência confessional, que pesa fortemente na história alemã”.

Os protestantes, que receberam seu nome da Protestação, vivenciaram em Espira a hora do seu nascimento. Eles não protestaram contra a Igreja Católica Romana e sua doutrina, mas lutaram pelo direito, testemunharam – *pro-testari* – pela resolução unânime tomada em 1526 na primeira Dieta de Espira, que liberava a conduta até o próximo concílio. Lutaram e, pela primeira vez, testemunharam festivamente o princípio de que as questões de fé competem ser decididas pela própria consciência e não pelo Papa ou pelo Imperador ou por uma maioria. Ou, como Marc Lienhard escreveu: “Representantes de cidades e territórios expressaram e tornaram conhecida a fé de que cada um deve se responsabilizar perante Deus”¹⁰. Emerge das discussões e das numerosas mediações entre os partidos, que a decisão para a Protestação fora tomada com grande dificuldade pelos envolvidos. Mas os protestantes não podiam agir de outra forma, pois, baseados em seu juízo e conhecimento, fundamentavam-se na compreensão do Evangelho. Eles não se iludiam de que correriam perigo com este passo e que a oposição intencionava e estava decidida a colocar o Imperador com medidas arbitrárias contra eles.

Talvez por isso seja característico que somente uma minoria dos estados imperiais se manifestasse publicamente. Somente uma pequena minoria – eram seis príncipes e catorze cidades – queria confiar e construir unicamente sobre Deus e sua santa palavra¹¹. Para eles era um dever de consciência confessar a verdade reconhecida também perante as pessoas, a fim de não serem castigados pela palavra de Cristo: “Mas os que negarem publicamente que são meus, eu também os negarei diante do meu Pai que está no céu” (Mt 10.33). De Espira escreve para casa um enviado de Estrasburgo:

Aqueles que querem permanecer partidários de Deus e em sua santa palavra, são minoria. E esta é a primeira prova; pois onde negamos o Senhor e princi-

10 Cf. LIENHARD, Marc. *Le Messenger*, n. 24, p. 13, 2004.

11 Cf. BENRATH, Gustav-Adolf. In: *EVANGELISCHE LANDESKIRCHE DER PFALZ (Org.). 450 Jahre Reformation in Speyer*. [S.l.: s.n.], 1990. p. 299. (Blätter für pfälzische Kirchengeschichte und religiöse Volkskunde, 57).

palmente onde isto ocorre diante de príncipes e senhores, também o Senhor nos negará perante o Pai do céu. A segunda prova será renegar a palavra de Deus ou ser levado à fogueira.¹²

Uma minoria, uma pequena porção – são estes que, em 1529, fazem nascer o protestantismo. Por isso é possível dizer que, desde o início, existia a experiência e a consciência de ser minoria. Ser diáspora e evangélico já estão ligados em Espira em 1529. A história do protestantismo, ou seja, daqueles que pertencem a igrejas e comunidades de fé oriundas da Reforma do século XVI, foi ou é, na maior parte das vezes, uma história de minorias ou uma história na diáspora. Ser evangélico e diáspora muitas vezes é idêntico. Europa e diáspora evangélica – isto representa, desde a Dieta de Espira, sempre uma nova vida, atitude e ação como minoria. Também hoje, na Europa em desenvolvimento, na “casa europeia”, os evangélicos ou protestantes perfazem, no máximo, 20% da população. A expressão *protestante* é mais formal e mais fortemente relacionada à origem externa e a acontecimentos históricos. A expressão *evangélico* ressalta mais uma origem interna e o Evangelho. Para a questão propriamente dita, as duas palavras expressam o mesmo. Por isso, se pensa no mesmo significado quando é mencionada a expressão ser protestante ou ser evangélico. São as igrejas e comunidades de fé, vindas e marcadas pela Reforma do século XVI.

III

O que hoje é decisivo para as igrejas da Reforma? O que elas deveriam, o que elas poderiam contribuir diante dos desenvolvimentos europeus para a Europa vindoura?

1. Para o pequeno grupo de protestantes em Espira em 1529 importava primeira e principalmente a compreensão bíblica de que se deve obedecer mais a Deus do que as pessoas (At 5.29). Era um saber pela finitude do ser humano, uma relação crítica consigo mesmo, com o outro e com a criação, e uma grande confiança naquele que rege sobre tudo e que é o totalmente Outro na relação com o ser humano, Deus.

Somente na Escritura Sagrada, nos livros do Antigo e do Novo Testamento, Deus encontra-se em sua palavra e capacita e liberta para uma vida perante ele. É uma vida modesta e agradecida, que reconhece e considera

12 Cf. BORNKAMM, 1966, p. 121.

nele as limitações e possibilidades. “Vocês estudam as Escrituras Sagradas [...] E são elas mesmas que falam a respeito de mim” (Jo 5.39).

Por isso, o significado central da Bíblia, que foi reconhecido e estabelecido pela Reforma, sempre é redescoberto e desdobrado de novo para cada desenvolvimento político e social. A palavra bíblica, a sua exegese e pregação são base necessária para a vida protestante e contribuição inegável para a ação social e responsável na Europa e no mundo.

2. Desde o início, a consciência de cada indivíduo e a responsabilidade pessoal perante Deus foram e são essenciais para os evangélicos. Nenhuma instituição, nem a igreja ou um ofício religioso, ninguém pode decidir ou até substituir as decisões da própria consciência. No documento da Protestação de 1529, fala-se de “boa consciência” e de “que nós, por ordem de Deus e por nossas consciências, estamos compromissados e somos devedores desse nosso Senhor e Deus como Altíssimo Rei e Senhor de todos os Senhores, no batismo e através de sua palavra sagrada e divina”¹³.

Já na Dieta de Worms no ano de 1521, Martin Lutero disse, ao fim de seu discurso: “Como a minha consciência está presa à palavra de Deus, eu não posso e não quero retratar nada, pois é perigoso e impossível fazer algo contrário à consciência. Que Deus me ajude”¹⁴.

O significado e a nomeação da consciência por um lado e a sua relação com a palavra de Deus como única autoridade por outro lado é, em suma, para os reformadores, essencial à vida. A aparição de Lutero perante a Dieta em Worms anuncia simbolicamente esta nova compreensão de consciência no conflito com o Imperador e o Império. Martin Bucer procura em Estrasburgo, por exemplo, assegurar a liberdade de consciência, assim como Martin Greschat o escreve¹⁵.

A exigência moderna da liberdade de consciência não pode ser pensada sem o impulso da Reforma¹⁶. Por isso, para o protestantismo, os mandamentos de Deus em Êx 20.1-17 e Dt 5.6-21, que foram dados ao povo de Israel no Antigo Testamento, não são entendidos como lei opressiva ou atormentadora, mas sim como uma oferta que traz liberdade e que é entendida

13 Cf. KAULFUSS-DIESCH, Karl (Org.). **Das Buch der Reformation**: Geschrieben von Mitlebenden. Leipzig, 1917. p. 419.

14 Cf. BORNKAMM, Karin; EBELING, Gerhard (Org.). **Aufbruch zur Reformation**. Frankfurt M., 1995. p. 269. (Martin Luther Ausgewählte Schriften, 1).

15 Cf. GRESCHAT, Martin. **Martin Bucer**: Ein Reformator und seine Zeit. München, 1990. p. 259.

16 Cf. HUBER, Wolfgang. **RGG**, Tübingen, v. 2, p. 178, 1958.

como ordenadora. Como tal, atua na edificação de comunidade. A consciência individual e a qualidade dos dez mandamentos são um bem, que é, para os protestantes de todos os tempos e em toda a situação, uma linha mestra irrenunciável.

3. A responsabilidade pessoal do ser humano, que é compreendida através da Escritura e assim, *coram deo*, vivida perante Deus, também é vivida na certeza de que todas as pessoas são igualmente dignas e valiosas. Já no Antigo Testamento, por exemplo no livro de Eclesiastes, se diz: “Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo ser humano” (Ec 12.13). E no Novo Testamento sempre de novo é frisado, como em Rm 2.11: “Porque para com Deus não há acepção de pessoas”. Ou Gl 2.6: “Deus não julga pela aparência”. E em Gl 3.28 está a bem conhecida frase: “Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

Essa igualdade e dignidade do ser humano é uma declaração e uma perspectiva revolucionária em um mundo no qual o estar em cima e o estar embaixo, a desigualdade, os fortes e os fracos, o vencedor e o perdedor são vividos e experimentados de várias e impiedosas formas. Ela é pressuposto para o pensar e o agir individual. Ela só pode, *coram deo*, ser entendida e recebida em profundidade, ser tomada como presente e livre graça e tornar-se realidade na liberdade de cada indivíduo, ligado à palavra de Deus. Somente através deste saber e desta certeza, cada pessoa será livre e capaz de lutar por reconciliação, por justiça, pela verdade e honestidade, sem cobiçar outros ou cobiçar méritos e reconhecimentos. Esse é o redescobrimto básico da Reforma, que o ser humano, cada um e cada uma, é justificado perante Deus, é reto por pura graça e pela livre vontade de Deus. O trecho decisivo da carta aos Romanos soa assim na tradução de Ernst Käsemann: “Eu não me envergonho do Evangelho. Pois o poder de Deus é para a salvação de todos os que crêem, primeiramente ao judeu e também ao grego. Pois nele será revelada a justiça de Deus, da fé pela fé, como está escrito: o justo viverá por fé” (Rm 1.16).

O protestantismo sempre de novo tem de trazer esta perspectiva e visão de mundo para dentro das situações e desenvolvimentos políticos e sociais. Até agora, na única Assembléia Evangélica Européia ocorrida em Budapeste, nos dias 24 a 30 de março de 1992, fato que já pertence à história e que infelizmente não encontrou continuidade, a questão foi formulada assim, e acredito que deva ser lembrada:

Nós experimentamos a força unificadora da verdade de Jesus Cristo. Esta verdade se chama reconciliação. Dela vivem o cristão e a igreja. Ela leva ao arrependimento e liberta do pecado e da culpa, ela liberta para Deus e para o próximo. Ela reúne através de fronteiras, ela revoluciona a mentalidade e dispõe para a responsabilidade pelo mundo. Nas igrejas e entre as igrejas, ela cria comunhão. A nossa tarefa contínua e mais urgente é testemunhar a redescoberta da verdade da Reforma, é testemunhar que Deus justifica os descrentes, a fim de que estes o temam, amem e nele confiem.

Nós anunciamos a reconciliação, falamos dos grandes feitos de Deus e nos lembramos da promessa do Reino de justiça e paz, que Deus criará.¹⁷

4. Isso já leva a outra percepção da Reforma, que deveria ter, para toda a convivência e realização humana, um significado irrenunciável. Os protestantes devem sempre de novo indicá-la e propô-la, além de considerá-la para si mesmos. Trata-se da compreensão bíblica da Reforma do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes: “Mas vocês são a raça escolhida, os sacerdotes do Rei, a nação completamente dedicada a Deus, o povo que pertence a ele. Vocês foram escolhidos para anunciar os atos poderosos de Deus, que os chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). E a este acrescentam-se os versículos como o de Gl 3.28 ou também outros trechos do Novo Testamento, como Cl 3.11: “Já não há judeus e não-judeus, circuncidados e não-circuncidados, não-civilizados, selvagens, escravos ou livres, mas Cristo é tudo e está em todos”.

Essa compreensão de convivência, de comunhão e igreja significa uma mudança copernicana, da qual os protestantes sempre devem ser lembrados e a qual devem guardar e confirmar. Do sacerdócio especial para o sacerdócio geral, da compreensão hierárquica da Igreja para a participativa, ao invés de prepotência e subordinação, a comunidade de irmãs e irmãos com os mesmos direitos. Na Assembléia Evangélica Européia em Budapeste em 1992, foi dito:

Nós lembramos da doutrina bíblica da Reforma, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Neste sentido, hoje nos é importante uma co-responsabilidade de todas as pessoas batizadas na comunidade e na igreja, uma igualdade entre o homem e a mulher há tempo ainda não conquistada e uma subjugação de comportamentos hierárquicos no povo de Deus. Tal participação não se dá somente na igreja, mas também em nossas sociedades. Por isso nós promovemos, no processo de unificação europeu, uma forma de

17 Cf. EUROPÄISCHE Evangelische Versammlung “Christliche Verantwortung für Europa”. **epd-Dokumentation**, n. 17, p. 1, 1992.

trabalho das instituições europeias que seja próxima ao cidadão e advertimos contra o centralismo administrativo. Este não está sujeito a nenhum controle democrático eficaz.¹⁸

Essa compreensão e declaração foi e continua sendo atual e também válida ainda hoje. O pequeno grupo de evangélicos, de protestantes deve lutar por esta forma de comunidade de iguais e responder por sua realização. No estudo da igreja, que foi trabalhado e decidido por igrejas evangélicas, contanto que fizessem parte da Comunidade Evangélica de Igrejas (GEK [sigla em alemão], antigamente Comunhão de Igrejas de Leuenberg), pela primeira vez depois da Reforma, há quase 500 anos, destaca-se: “Igreja é a comunhão de membros, cuja unidade entre si está fundamentada na unidade com Cristo (1Co 12.12s). A comunhão dos membros vive da igualdade medida na diversidade dos dons dados por Deus, para a edificação de comunidade (1Co 12.12-31; Rm 12.4-8)”¹⁹. E é mantido e lembrado, especialmente para as igrejas minoritárias, respectivamente, a diáspora evangélica: “Onde igrejas da Reforma existem como *igrejas minoritárias*, a compreensão da Reforma sobre a reivindicação do Evangelho levou à distinção da maioria social. Tal delimitação pode vir bem para o testemunho e pode ser experimentada como libertação. Ela leva então a uma forma de vida ‘inconformada’, que exige um caráter de testemunho”²⁰.

Europa e a diáspora evangélica, ser protestante na Europa hoje – este é o nosso tema. Iniciando com a hora do nascimento do protestantismo na Dieta de Espira em 1529, o protestantismo, justamente como pequeno grupo, como minoria na diáspora, irá determinar e influenciar de maneira sempre renovada a confiança somente na palavra de Deus na Bíblia, a escuta da consciência perante Deus, o significado e a responsabilidade de cada um, a dignidade e a igualdade das pessoas e a participação comunitária e igualitária na convivência e para o desenvolvimento social de justiça, paz e liberdade reconciliada. Talvez assim até surja um pouco de inquietação protestante na Europa, como já fora aguardado e esperado no ano de 1993.

18 Cf. EUROPÄISCHE Evangelische Versammlung “Christliche Verantwortung für Europa”. **epd-Dokumentation**, n. 17, p. 3, 1992.

19 Cf. HÜFFMEIER, Wilhelm (Org.). **Die Kirche Jesu Christi: Der reformatorische Beitrag zum ökumenischen Dialog über die kirchliche Einheit**. Frankfurt, 1996. p. 24. (Leuenberger Texte, 1).

20 Cf. HÜFFMEIER, 1996, p. 38.

Referências

- AUF GOTT hören – gemeinsam unterwegs: Dokumentation der theologischen Tagung aus Anlass des 150-jährigen Jubiläums der Hauptgruppen Baden und Württemberg des Gustav-Adolf-Werks. Karlsruhe, 1994.
- BENRATH, Gustav-Adolf. In: EVANGELISCHE LANDESKIRCHE DER PFALZ (Org.). **450 Jahre Reformation in Speyer**. [S.l.: s.n.], 1990. p. 299. (Blätter für pfälzische Kirchengeschichte und religiöse Volkskunde, 57).
- BERGSDORF, Wolfgang; HERZ, Dietmar; HOFFMEISTER, Hans (Org.). **Europa: Dreizehn Vorlesungen**. Weimar, 2002. p. 104. (Ringvorlesungen im Wintersemester 2001/2002/Universität Erfurt, 3).
- BORNKAMM, Karin; EBELING, Gerhard (Org.). **Aufbruch zur Reformation**. Frankfurt M., 1995. p. 269. (Martin Luther Ausgewählte Schriften, 1).
- BORNKAMM, Heinrich. **Das Jahrhundert der Reformation: Gestalten und Kräfte**. Göttingen, 1966.
- EUROPÄISCHE Evangelische Versammlung “Christliche Verantwortung für Europa”. **epd-Dokumentation**, n. 17, p. 1, 1992.
- GRESCHAT, Martin. **Martin Bucer: Ein Reformator und seine Zeit**. München, 1990.
- HUBER, Wolfgang. **RGG**, Tübingen, v. 2, p. 178, 1958.
- HÜFFMEIER, Wilhelm (Org.). **Die Kirche Jesu Christi: Der reformatorische Beitrag zum ökumenischen Dialog über die kirchliche Einheit**. Frankfurt, 1996. (Leuenberger Texte, 1).
- KAULFUSS-DIESCH, Karl (Org.). **Das Buch der Reformation: Geschrieben von Mitlebenden**. Leipzig, 1917.
- LIENHARD, Marc. **Le Messenger**, n. 24, p. 13, 2004.
- ROGGE, Bernhard. **Illustrierte Geschichte der Reformation in Deutschland**. Hersfeld, 1909.
- VISCHER, Lukas. In: EKL. Göttingen, 1986. v. 1, c. 1198.